

Entre línguas e culturas: Uma história de vida e uma história social na Linguística Aplicada

Entrevista com Maria José Coracini

Fragmentum: Gostaríamos que você começasse falando sobre a história de sua formação linguística. Essa história com a(s) língua(s), na(s) língua(s), que envolve uma espécie de “dupla inscrição” na Língua Portuguesa: a língua portuguesa do nascimento (nós sabemos que você é nascida na Ilha da Madeira, em Portugal) e a língua portuguesa da travessia (crescida no Brasil a partir dos quatro anos de idade).

Coracini: É difícil falar sobre isso porque eu vim pequena, aos quatro anos de idade, mas, evidentemente, a minha família é toda portuguesa. Todos vieram da Ilha da Madeira e isso fez com que eu tivesse uma dupla inscrição naquela que se pode chamar de língua portuguesa. Primeiro, a língua portuguesa de Portugal que para mim não é só língua, é língua-cultura. Então, muitas coisas eu partilho e partilhava com a minha família, mas também, como toda a minha escolaridade foi feita no Brasil, toda a minha educação escolar e tal, a minha inscrição no Brasil é também muito grande. Na língua portuguesa e na cultura brasileira. Agora, há momentos em que realmente uma se superpõe à outra, depende do momento. Então, por exemplo, de determinadas maneiras de ser aqui no Brasil eu me distancio, eu digo “os brasileiros” e não me incluo... em vários momentos isso ocorre. Em outros momentos, sobretudo quando a gente está fora do país, aí a gente é mais brasileiro, mesmo que não seja. Mas eu vejo assim, por exemplo, acho que isso minha mãe deve ter reforçado esse hábito, minha mãe dizia: brasileiro gasta tudo o que tem. E a gente sempre tem uma preocupação maior em poupar, economizar. Então, quando a gente vai falar de quem gasta, é o brasileiro, não somos nós. Eu não gasto nada (risos). No sentido de hábitos culturais. Entretanto, há momentos em que eu uso termos que têm tudo a ver com Portugal e meu marido, que é brasileiro, não entende. Eu lembro que eu tinha casado não fazia muito tempo e, aos sábados, eu costumava lavar as coisas, arrumá-las e eu pedi para ele me jogar os atacadores do sapato dele. E ele não entendia de jeito nenhum: o quê? do que você está falando, que língua é essa? E eu não conseguia, não vinha outra palavra, não adiantava, não vinha. Até que eu disse: aquilo que você amarra os sapatos, o barbante, mas não é barbante. E barbante também não é barbante: em Portugal, é atilho e, às vezes, eu falava para ele me passar o atilho, mas eu nem pensava que ele podia não entender. É como se fosse uma outra língua que me constitui. Eu acho que é uma outra língua, outra língua-cultura, pelo menos é assim que eu vejo. E, quando a gente fala de vocabulário,

não está falando apenas de vocabulário, há toda uma relação com a maneira de ver as coisas. Houve outros momentos em que eu não me senti nem lá nem cá. Quando vou a Portugal, ninguém me reconhece como portuguesa, mesmo que eu diga que eu nasci em Portugal, que eu nasci na Ilha da Madeira, que meus pais eram portugueses, que minha família toda é portuguesa, não adianta, um minuto depois as pessoas estão falando: ela é brasileira. Não tem jeito. Aqui no Brasil, muitas vezes, as pessoas acham que, no meu sotaque, na minha maneira de falar, tem alguma coisa estranha. Depois que eu digo que eu sou portuguesa: ah, é por isso que eu estava estranhando o seu erre [r]. E eu não vejo em Portugal, a não ser uma pessoa ou outra, como eu vejo aqui, usar o erre que eu uso, *roulé*, como se diz em francês. Então, não foi de lá. Nesse ponto, eu tenho até alguma consciência de como nasceu esse erre. Acho que até já contei alguma vez para vocês, não? Eu fiz um curso de teatro quando eu estava fazendo o colegial, o segundo colegial, e a gente fazia muito exercício de dicção, para que a voz se propagasse. E aí, todo mundo dizia que isso era bom, inclusive se a gente fosse professor. E tinha aqueles exercícios de pronúncia, como “O rato roeu a roupa do rei de Roma” e outros mais. Eu não consegui mais usar o erre gutural. As pessoas acham estranho, mas nesse ponto não foi... nenhuma das minhas irmãs, minha mãe, ninguém fala assim. E uma outra circunstância em que eu me excedi completamente, acho que eu estava no meio do trânsito, não era nem em trânsito. Porque eu tinha ido para o Canadá com meu marido e meus filhos, em 1992. E meu marido, como todo bom homem brasileiro, tem a mania de pegar tudo e levar ele mesmo os documentos, no caso, os passaportes; ele abriu todos os passaportes, pôs um em cima do outro, o meu junto, e passamos pela polícia. Na época, éramos quatro e não cinco, depois eu tive mais uma filha. O agente nem verificou que eu era estrangeira, como três dos passaportes eram brasileiros, me deixou passar: não carimbou meu passaporte como normalmente carimbam o de todos os estrangeiros. Quando eu voltei, eu voltei sozinha - porque eu tinha que assumir algumas aulas aqui, na Unicamp; eles me davam licença apenas quando eu tinha atividades lá: tinha acabado de sair a minha contratação aqui, quando eu fui para o Canadá. Então, eu tinha que voltar para dar dois meses de aula e depois retornar, ou meu marido viria, aí dependeria do que estava acontecendo. Bom, eu sei que eu cheguei aqui em Guarulhos e a polícia queria prender meus documentos, inclusive o RG. Porque eu tenho igualdade de direitos, então eu tenho RG e CPF, como todo mundo, e tenho também título de eleitor, mas não posso usar passaporte brasileiro, tenho que usar sempre passaporte português. Tanto que no meu RG, onde estava escrito brasileira, eles riscaram e puseram em cima: portuguesa. Porque a minha nacionalidade é portuguesa. Eu não sou naturalizada. Isso foi bem na época (1993) em que estava havendo um problema em Portugal com os dentistas brasileiros. Aí a polícia, usando critérios de relações entre os países... o problema é que o

carimbo de saída, meu último carimbo do Canadá era de 1990. Fazia uns três anos, mais ou menos, eu havia ido ao Canadá para um estágio. Então, esse carimbo, evidentemente, estava lá, mas eu não tinha um carimbo de saída do Brasil naquele ano, em 92 e já estávamos em 93. Eu falei: mas eu tenho igualdade de direitos, como é que vocês vão segurar o meu documento? Então, eles disseram o seguinte: se a senhora ficar fora do país mais de dois anos, a senhora não tem direito nenhum. Como não tenho direito nenhum, se eu trabalho aqui, se eu quase nasci aqui? Eu me senti completamente fora. Mas quem sou eu, afinal? Em Portugal, não sou portuguesa, no Brasil, não sou considerada nada. Estou onde? Em que terra? Em que mundo? Comecei a chorar igual a uma Maria Madalena, ridículo. Aí ele me levou para o departamento de polícia e, se não fosse o outro um pouco mais maleável, eu teria perdido todos os meus documentos. São momentos tolos, parece, mas que a gente não se sente inscrita em nenhuma dessas culturas. E, apesar de ter documentação, quando eu falei para ele: mas, e os meus documentos de igualdade de direitos? A senhora não tem igualdade nenhuma. A senhora tem os mesmos direitos de qualquer estrangeiro. Aí eu, realmente, perdi os meus parâmetros e me senti estrangeira em um país que não era mais estrangeiro para mim. Não sei se era isso que vocês estavam pensando...

Fragmentum: É, essa história da sua formação nas línguas...

Coracini: Agora, do ponto de vista da língua em si, para mim é muito difícil falar a respeito, a não ser nesses momentos, de vocabulários diferentes ou, então, de hábitos, de maneiras de ser. É muito difícil falar. É claro que eu percebia que minha mãe falava diferente, que minhas irmãs falavam diferente. Até hoje minhas irmãs ainda têm sotaque, mas acho que eu não sentia isso em mim. É só quando os outros falam que a gente começa a perceber que tem alguma diferença. Mas, eu mesma vim muito pequena, fui para a escola com 5 anos, tinha chegado há muito pouco tempo de Portugal. Para mim foi muito fácil. Não me lembro de nenhum momento em que alguém me questionasse, entre colegas, entre amigos, não me lembro.

Fragmentum: O que, nesse movimento dentro dessa suposta mesma língua, levou-a a uma outra língua: a opção profissional pela língua francesa. Como isso se deu?

Coracini: Aí vocês estão perguntando uma coisa que eu não sei, não sou capaz de responder. Um dia me perguntaram por que você escolheu a língua francesa? Você tem alguém que fala francês na sua família? Você é descendente de franceses? Não. Não sou nada disso. Não tenho nada, ninguém, minha família não é muito estudada, para não dizer pouco estudada.

Olha, eu tenho algumas explicações, mas muito racionais. Não tenho outra explicação a não ser explicações racionais, por exemplo, sempre gostei de línguas. Eu já gostava no colegial. Eu já estava estudando, no próprio colegial, Francês, Inglês, Latim. No colegial era isso. Mas, paralelamente, já fui fazendo espanhol, comecei a fazer também outros cursos de inglês fora, por exemplo, Yázigí. Lembro de outros cursos que eu fiz avulsos. Agora, o que me levou de fato a fazer o vestibular... Primeiro, eu achava que eu queria fazer biologia, ciências biológicas, mas eu ficava achando, fantasiando, que meu pai, que não era, assim, nada culto, era comerciante, que meu pai não ia me deixar fazer medicina, ou fazer biológicas, fazer faculdade. Eu não sei o que eu fantasiava, sei que tinha algumas coisas assim. E eu me lembro de uma vez ter dito a minha irmã que eu ia fazer Letras, porque eu podia ser, talvez, secretária, sei lá, secretária bilíngue. Mas, depois, quando eu já estava no colegial, começou aquela ideia: mas, espera aí, talvez ser professor, fazer alguma coisa pelo outro... sabe essa coisa meio missionária que acontece com todo mundo. Ainda mais que eu estudava em colégio de freiras. Eu fiz o colegial num colégio de freiras (Colégio Santa Inês). Então, é meio fatal a gente ter esse tipo de pensamento. Só que eu tinha duas professoras, uma de francês e uma de inglês, que eram muito diferentes. Então, eu sabia muito mais francês, apesar de eu ter entrado no colegial sem saber nada de francês, mas eu me vi obrigada a criar um método para logo ultrapassar as minhas dificuldades, a minha ignorância, porque eu não sabia absolutamente nada. A única coisa que eu tinha visto durante o antigo ginásio eram verbos e, mesmo assim, tinha que ficar decorando, recitando. E, no colegial, eu já entrei, no primeiro dia, ouvindo a professora falar de *Chanson de Roland*, de literatura francesa. E eu não entendia nada. A minha sorte é que eu tinha uma colega francesa, que, infelizmente, não ficou muito tempo na escola. E aí eu aproveitava os intervalos e não largava a pobre da menina, no recreio, como se dizia. No recreio, ela me explicava tudo o que a professora tinha dito, porque eu não tinha entendido nada. E eu tive que me virar com isso, porque, senão, eu ia ser reprovada. Isso fez com que eu (e era muito exigente a professora) fez com que eu desenvolvesse mais rapidamente a língua francesa. Eu achava que estava melhor preparada para o vestibular de francês do que de inglês; a professora de inglês era muito boazinha, mas ficava dando pontos de gramática, a parte de literatura era a vida dos autores, listas de obras. Eu achava que não estava preparada, por isso eu me voltei para o francês. Assim, conscientemente? Certamente havia uma facilidade maior para a língua francesa, talvez, por ser uma língua neolatina, não sei. Aí prestei vestibular na PUC de São Paulo, mas ali eu teria que optar ou licenciatura em português ou em francês, e eu queria fazer as duas, porque eu não sabia o que eu ia fazer depois que terminasse a faculdade. Então, eu queria fazer, no mínimo, dupla licenciatura - Francês e Português. A USP ficava muito longe, a condução,

naquela época (1969) era a coisa mais difícil do mundo, porque, quando eu terminei o colegial, foi o ano em que a USP mudou para a cidade universitária, lá em São Paulo, demorava duas horas e meia para ir da minha casa até lá. Eu falei: como é que eu vou fazer esse curso de manhã, porque eu não queria fazer à noite, chegar lá às sete e meia da manhã, que era a hora que começavam as aulas? Vou ter que acordar não sei a que horas. Então eu optei, não terminei o vestibular nem na PUC de São Paulo, porque quando eu vi que eu tinha passado no Mackenzie, no caso, em primeiro lugar, não quis saber de mais nada, larguei todo o resto. Tanto que os professores se assustaram quando viram que o primeiro lugar estava no Mackenzie, porque achavam que o primeiro lugar estaria em outra universidade, normalmente na USP. Mas, eu não me arrependo. Acho que valeu a pena. Continuei fazendo inglês paralelamente, porque eu queria saber o inglês. Mas o inglês, coitadinho, ficou assimétrico em relação ao francês, porque eu fazia a faculdade e, paralelamente, entrei na Aliança Francesa. Então, eu tinha muitas horas de francês, enquanto de inglês, apenas três por semana. Algo em torno de quinze horas para três. Acontece que quando eu queria falar inglês eu só falava francês e eu fiquei com medo, comecei a ficar desesperada. Parei um pouco e depois voltei de novo, estou sempre nesse ir e vir com o inglês. Mas eu não sei o que dizer, porque, racionalmente, eu não tenho outra explicação. O espanhol, eu poderia ter feito espanhol, porque também fazia espanhol fora, no antigo Instituto Iberoamericano, que depois se transformou na Faculdade Iberoamericana, que agora é universidade, né? Na época (1967-68), quando eu ainda estava fazendo o colegial, fiz três anos no Instituto Iberoamericano e uma das professoras queria que eu fizesse vestibular na USP para o curso de espanhol, porque o contingente de professores de espanhol era muito pequeno. Viam que eu ia fazer faculdade e insistiam, mas, não sei por que, eu achei que era melhor fazer francês e não espanhol. Também não sei...

Fragmentum: Que traços de seu ser e de seu fazer como professora a levaram a pensar sobre o ser/fazer do outro: como você olha para sua inscrição nos estudos sobre formação de professores?

Coracini: O que me levou a isso? Eu tive dois professores que queriam que eu fizesse pós-graduação, um era da área de Latim. Quando o professor de latim, o Professor Ariovaldo Peterlini, soube que o Professor D'Olim Marote, da área de Francês e que era meu professor, estava me incentivando para que eu fizesse mestrado em Língua Francesa na USP - eu achava que não tinha nível, mas ele insistia e tal, inclusive eu digo no meu memorial a frase que ele usou para me incentivar: em terra de cego, caolho é rei. Quer dizer, não que eu fosse esplêndida, mas certamente eu era melhor do que a maioria. Aí eu dizia não tenho nível, inclusive eu fui a primeira pessoa do

Mackenzie a entrar na USP para fazer mestrado, porque todo mundo que vinha do Mackenzie era podado, era aquela mania: quem fazia Mackenzie era riquinho – burguês – e nada intelectual, aquela coisa que tinha a ver com a briga entre alunos das duas universidades, em 1968, quando o curso de Letras ainda estava na Rua Maria Antonia, frente ao Mackenzie. Então, eu fui realmente a primeira pessoa. E o professor de latim queria que eu fizesse também latim, mas disse: não, você tem mais futuro em francês, o que não me impediu de dar aulas de latim, no Colégio de Santa Inês, onde eu havia estudado, para o curso clássico. Aí eu fui fazer mestrado e, praticamente no mesmo ano em que eu entrei no mestrado, que foi o ano seguinte ao término do meu curso de graduação, o Professor Marote, que era coordenador da área de Francês numa faculdade de bairro, chamada Carlos Pasquale, nem sei se existe ainda, me convidou para dar aula de língua francesa lá. Era apenas aula de língua, não era outra coisa. No ano seguinte, ele me convidou para dar aulas na PUC de São Paulo. Na época (1974), a PUC de São Paulo ficava pertinho do Mackenzie, na Rua Marquês de Paranaguá. Eu já tinha feito até uma especialização em Língua Portuguesa lá. Quando comecei a dar aulas lá, a PUC mudou para a Rua Monte Alegre, no bairro de Perdizes, dei mais um ano de aula, acho que foram dois anos, e estava me dando muito bem; o Professor Marote dizia que ia ser, oficialmente, meu orientador, mas eu não tinha nenhuma conversa com ele. Então, eu estava completamente desesperada no mestrado, para fazer a dissertação. Mas aí eu tive que sair, porque a PUC estava em crise, o curso de Francês também estava em crise e, evidentemente, como eu era a mais nova do grupo, eu fui a primeira a ser cortada. Mas, bem naquela ocasião, no ano seguinte, eu fui para a França.

Fragmentum: Desculpa lhe interromper, mas a sua dissertação foi sobre o quê?

Coracini: Sobre os advérbios de relatividade *dejà, encore*, já, ainda. Hoje, eu diria, não tinha nada a ver. Mas tinha sim, apesar de eu não ter publicado a dissertação, porque fiquei meio traumatizada: foi um trabalho de formiga fazer um levantamento enorme que, no final - era porque meu orientador não sabia me orientar -, não precisava tudo aquilo. Eu fiz um levantamento de muitos e muitos jornais, dos jornais brasileiros, dos jornais na França. Quando eu estava na França, eu fiz isso lá... com fichinhas, eu tinha milhares de fichinhas e, depois, eu nem sabia o que fazer com elas. Era um bloco de *corpus* que não dava para trabalhar. Então, foi um trabalho meio desgastante, mas, por outro lado, me preparou, não apenas do ponto de vista da Linguística, que eu tinha tido muito pouco na graduação, porque era uma área muito nova, naquela época (entre 1969 e 1972). Então, eu comecei a trabalhar com a questão dos tempos verbais, aspectos, e o advérbio está lá, do

lado do verbo. E, naquela ocasião, trabalhava-se muito o cotexto, o contexto linguístico, e aí você tinha que ver onde e como, por exemplo, o já e ainda, ou *dejà* e *encore* funcionavam dentro do texto: tratava-se da análise distribucional. Daí, aos poucos, eu tive que adentrar não só na questão semântica, mas também na Linguística do Texto. Foi realmente um primeiro passo para a Linguística do Texto.

Fragmentum: E isso foi em que época, mais ou menos?

Coracini: Eu terminei o mestrado, defendi, em 1980, mas, na verdade, eu levei muito tempo para terminar a dissertação, porque eu não tinha orientador que, de fato, me impulsionasse. Casei, tive dois filhos com quatorze meses de diferença um do outro. Fui para a França. E aí, quando meu marido quis ir para a França para fazer um curso em concreto armado e protendido (risos) eu falei: bom, eu vou, mas eu tenho que fazer alguma coisa, porque eu sempre quis estudar em Paris. Quando eu estava fazendo cursos para mestrado lá na USP, o Professor e escritor Raymond Jean – eu acho que eu ainda não estava noiva de aliança do meu marido, mas eu já namorava há um bom tempo – que era especialista do *Nouveau Roman*, veio da França como professor convidado para oferecer um curso no Mestrado em Língua e Literatura Francesas; queria... ele me incentivou, porque disse: o que falta para você é teoria, você tem um – não sei como se diz, eu só lembro da palavra em inglês, um *feeling*, mas não foi isso o que ele disse – um tino, uma capacidade de observação e de análise que, se você tiver teoria, vai rápido. Então, ele me convidou para ir para a França, fazer com ele em um ano o mestrado e terminar. Na hora que eu fui falar para o Celso, para meu futuro marido – hoje, eu não teria obedecido de jeito nenhum, mas naquela época, bobona – ele disse: se você for para lá, a gente termina o namoro. Isso não aconteceria hoje, mas, na época, né? Entrei nessa. Quando apareceu a oportunidade, a gente já tinha ido para a França uma vez quando eu estava no começo da gravidez do primeiro filho, porque eu achava que, com filhos, eu nunca mais iria para a França, eu tinha que aproveitar aquela oportunidade. Foi aí que tudo começou e não parou mais. Eu tive a primeira filha, em seguida um menino com quatorze meses de diferença. Quando o menino tinha um ano, o Celso quis fazer esse curso e, logicamente, eu o incentivei porque eu queria ir, né? mesmo com todo o sofrimento que era ir para fora com duas crianças pequenas. Eu disse para mim mesma eu vou, mas eu tenho que fazer algum curso, que era o que eu queria: era a oportunidade última para eu terminar meu mestrado, senão não tinha mais jeito. Eu já tinha feito todos os cursos, tudo o que precisava, só que eu não tinha ninguém que me incentivasse e me sentia completamente impossibilitada de fazer a dissertação. Então, agora eu faço ou desisto. Foi aí que começaram minhas enxaquecas lá em Paris, evidentemente,

mas isso é normal. Consegui fazer cursos, tanto que eu entrei no mestrado de lá, que não correspondia exatamente ao nosso mestrado, mas era uma grande coisa, eu me inscrevi como aluna regular e tal. Fiz com a Sophie Moirand, foi aí que eu conheci a Sophie Moirand, na Universidade de Paris III. Mas não quis defender lá porque a *maîtrise* não era válida no Brasil. Então, antes de ir para lá eu já tinha conversado com um professor que era leitor na USP na época, e era francês (o Professor Bernard Aubert). E ele ia algumas vezes para a França e tal e me deu alguns parâmetros, onde eu deveria ir, quem eu deveria procurar lá em Paris. Ele me falou dos cursos da Sophie Moirand, dos cursos de Paris III e eu fiz vários cursos lá, apesar de ter os dois filhos, de ter que correr para cá e para lá; eu ainda trabalhava à noite, aí vieram as enxaquecas. Mas, quando eu voltei, quem, de fato, me orientou foi esse leitor, que assumiu, oficiosamente – ele não podia ser orientador oficial – a minha dissertação. Aí ele me convidou, antes inclusive de eu terminar a dissertação de Mestrado, para dar aula de Francês Instrumental, para graduandos e pós-graduandos na área de Ciências Biológicas. A gente recebia um pouco, não era grande coisa, mas a gente recebia pela Embaixada da França. Eu não era contratada pela USP. Também não era contratada pela Embaixada; era só para dar aquele curso, que era na USP para a Biologia. Aí, por incrível que pareça, eu voltei da França e, no ano seguinte, ou naquele mesmo ano, não me lembro mais, participei de um encontro de Francês Instrumental na PUC-SP, sob a coordenação desse mesmo professor, que convidou o pessoal de Inglês Instrumental da PUC, que já tinha experiência nesse campo, na universidade. E aí o Professor Marote me convidou para voltar para a PUC e assumir o Francês Instrumental. Na verdade, era para começar uma área, eu e uma colega, Cristina Aubert, que era da USP também. Bem, eu defendi a dissertação em junho de 1980 e, continuando lá na PUC, eu me vi na contingência de começar a trabalhar com formação de professores, porque a Embaixada tinha interesse nisso. Não que eu fosse contratada por eles, mas a gente começou a se envolver com questões de formação de professores de francês, sobretudo no âmbito do Francês Instrumental. Foi nessa época que eu fui convidada por uma professora de Santa Maria (RS) para ministrar um minicurso para os alunos de Letras e conheci a Professora Amanda Scherer. Mas, como eu nunca me desliguei do Português, eu ficava sempre no meio das duas, mesmo para fazer o doutorado. Por que foi importante dar aula de Francês Instrumental para biólogos? Porque daí eu construí a minha hipótese ou a temática da minha tese de doutorado: a subjetividade no discurso científico. Esses alunos questionavam a objetividade de artigos científicos na área de Biologia, escritos em francês, quando, na seção Materiais e Métodos, apareciam verbos na primeira pessoa e no tempo presente. Bom, paralelamente a isso, eu estava lendo na época (1983-84) da seleção, do ingresso no doutorado, um livro que era mais ou menos inédito, de Kerbrat-Orechioni,

chamado *La subjectivité dans le langage* ou algo parecido. Foi um dos primeiros livros que tratava da subjetividade da linguagem. Logicamente, isso me remeteu a Benveniste, mas eu ainda estava no cognitivismo, na questão cognitiva; depois que eu fiz o curso de Análise de Discurso lá na PUC com um professor inglês (Anthony Deyes), que também não era na linha que a gente adota hoje. Eu optei por fazer o doutorado em análise do discurso. Mas a pesquisa não estava muito bem, hoje eu acho que não estava. Dois anos depois, quando ele foi para a Inglaterra, ele passou a minha orientação para o Professor Kanavilil Rajagopalan e foi ele que desconstruiu o que eu estava fazendo e me encaminhou para outros lugares. Em todo caso, foi aí que nasceu o meu interesse pelo discurso científico, mas paralelamente a isso... vocês estavam me perguntando sobre formação de professores. O tempo todo eu fiquei trabalhando com formação de professores. Quando a gente fazia algum congresso, algum evento, eu ministrava oficinas ou minicursos; quando eu ia para congressos, eu ia dar aula em ateliês, como se diz em francês, que são oficinas de trabalho, eu estava sempre voltada e preocupada com a formação de professores. Nessa época, fui convidada por colegas para ministrar aulas, para alunos, futuros professores, ou para professores da própria universidade, de Francês Instrumental, como, por exemplo, em Terezina (na Universidade Federal do Piauí), para professores de francês que queriam introduzir o Francês Instrumental. Ao mesmo tempo, a CENP (Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas) também me convidou para fazer parte da comissão que redigia, na época, mais ou menos o que corresponde, hoje, aos parâmetros curriculares ou orientações pedagógicas para o Estado de São Paulo. Não me lembro exatamente como se denominava esse tipo de documento na época, mas era alguma coisa semelhante. Então, eu estava sempre com essa preocupação; a preocupação era tanta que chegou uma hora que eu disse para mim mesma: mas de que adianta eu ficar ministrando todos esses cursos se eu tinha a impressão que os professores não aprendiam nada, porque eu ia para a sala assistir as aulas ou ouvia gravações de aulas e percebia que eles faziam as mesmas coisas que faziam antes. Bom, aí pensei: acho que não é por aí; formação de professores não é dar receita, não é falar como eles têm que agir. Temos que pensar em uma outra estratégia. E foi aí que surgiu a ideia de problematizar as questões, de trabalhar com eles de uma outra maneira e não ficar só dizendo o que eles tinham que ler.

Fragmentum: Foi nesse período que você participou de algumas políticas públicas educacionais. Podemos tomar como exemplo o estado de Santa Catarina, onde você contribuiu para a constituição de Propostas Curriculares, dentre outros.

Coracini: Sim, Santa Catarina. Foi em Santa Catarina sim. Foi nesta

época (1999) que eu conheci você [Beatriz]. Eles me convidaram; já me conheciam um pouco. Eu já era chamada para ir a alguns lugares. Nessa época, eu já era doutora. Mas minha preocupação com a formação de professores remonta ao período em que eu ainda estava fazendo o doutorado. Foi contingencial. Claro que fazer qualquer coisa que tem a ver com o ensino de línguas nos leva a isso, porque não é só para a gente. É para a gente também tentar contribuir e discutir com os colegas como se pode trabalhar com a língua. Claro que eu comecei com aquela idealização de que a gente vai transformar o mundo e vai transformar o modo de ensinar e, depois que você vê que isso não acontece, se pergunta: mas não acontece por quê? Será que em mim ocorre essa transformação radical de uma hora para outra, como eu gostaria de ver acontecer nos outros? Faz-se um curso de um ou dois meses e já se acha que tudo mudou? Também fui convidada para ministrar um módulo de metodologia do ensino do francês como língua estrangeira pela Associação dos Professores de Francês (APFESP), na época em que teve um concurso público; fazia muito tempo que não havia concursos públicos para efetivação de professores de francês na rede pública do Estado de São Paulo. Tudo isso foi levando a gente a se preocupar com essas questões e a perceber que era preciso mudar a maneira de proceder junto aos professores, porque não estava funcionando; aliás, também não funcionava comigo. Ninguém consegue, porque lê muito ou porque ouve, transformar a sua mentalidade, o seu modo de proceder em sala de aula, o seu modo de ver o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Pode-se transformar um pequeno hábito, porque realmente transformar uma maneira de ver o ensino, a aprendizagem, o aluno, a língua estrangeira, a si mesmo, não é assim, apenas por conhecimento, né? É por uma aprendizagem que vem de uma certa digestão, e isso só é possível com o tempo: não sob pressão.

Fragmentum: E sobre seu percurso profissional, sua inserção na Linguística Aplicada, o percurso pela PUC e a entrada na UNICAMP?

Coracini: O meu mestrado, como eu falei para vocês, foi em língua francesa. Era, na época (1980), literatura e língua e eu optei por língua francesa, porque o meu professor de francês, que era o D'Olim Marote, me introduziu na Linguística. Então, o exame que eu fiz na USP para ingresso era um exame escrito; depois tinha uma entrevista, além da análise do currículo. Mas o exame escrito era bastante pesado e a gente tinha que optar por uma área, literatura ou língua. E eu escolhi as questões de língua e todo o meu desempenho foi graças ao que Professor D'Olim Marote tinha me ensinado, dentro de uma certa aplicação da teoria gerativa e transformacional da primeira época, dos anos 70, marcados pela obra *Aspects* de Chomsky. E foram as benditas árvores chomskianas que permitiram o meu ingresso, porque eu discutia muito com o

professor nos intervalos das aulas de graduação: eu não me conformava – o que isso tinha a ver com o ensino? e ele tinha muita disposição para discutir e explicar, afinal, era a temática de sua tese de livre docência. Eu fui assistir à livre docência dele na USP. Então, eu fiquei na área de língua. E vocês vejam que era Língua, não era nem Linguística nem Linguística Aplicada. Agora, havia um viés e uma certa preocupação com o ensino, mas a minha dissertação de mestrado, se vocês lerem, não tem uma preocupação direta com o ensino, mas com a língua francesa e a língua portuguesa; acreditava-se, na época, que uma análise contrastiva poderia ser útil para a prática de sala de aula. Bem, alguns anos depois, comecei a fazer algumas disciplinas na PUC de São Paulo. Na PUC, o melhor curso que existia, na época (por volta dos anos 80), na nossa área, era teoria literária, mas esse eu já tinha descartado. Era, então, Linguística Aplicada, porque o de língua portuguesa não era lá muito bom, na época, e eu também não queria optar por uma língua de novo. Então, foi no LAEL que eu comecei a fazer algumas disciplinas para ver como era, para ver se era isso que eu queria. Até que eu tomei a decisão de cursar lá o doutorado e, de novo, foi meio contingencial. A gente tenta explicar tudo, mas, no fundo, as coisas não têm muita explicação racional. É por isso que, no meu memorial, eu falo muito da questão do rizoma. A gente não sabe muito bem para onde a vida nos leva; fazemos uma opção, mas essa opção não é muito consciente. A gente pensa que é consciente, mas por que a gente escolhe isso e não escolhe aquilo? Fica meio difícil explicar. Por que eu não fui para a literatura, antes de ir para a França? Afinal, eu estava na dúvida: o Professor Raymond Jean, do Nouveau Roman, me havia proposto um mestrado na França em teoria literária! Eu pensei será que não é isso que eu tenho que fazer, mudar de área? Talvez fosse na literatura o meu lugar. Eu já tinha ficado tanto tempo sem orientação, que disse a mim mesma: bom, pode ser que seja na literatura. Daí eu fui falar com uma professora, muito importante ainda hoje na literatura comparada – francesa e brasileira; ela me aconselhou que se eu gostava da área de língua, não era para fazer literatura, porque a literatura estava acabando: naquela época (1978), o ensino do francês já estava se reduzindo nos níveis fundamental e médio, e língua, disse ela, ainda tinha mais campo de trabalho. Ela me orientou a falar com o leitor, Professor Bernard Aubert, que, depois, foi o orientador oficioso de minha dissertação de mestrado. Então, quando eu fui para a PUC... Na verdade, eu já estava dando aula na PUC de novo - lecionava no ensino médio e na PUC. E aí ficava mais fácil fazer o doutorado na PUC de São Paulo, em Linguística Aplicada. Por que não na USP? Porque eu já tinha feito algumas disciplinas lá, durante o mestrado, em Linguística e achei que não tinha nada a ver comigo. Eu já era professora na PUC de língua francesa e tradução. Como eu ia fazer Linguística, que eu achava que não tinha nada a ver com aquilo, com os meus interesses do momento? Achei que a Linguística Aplicada estava mais próxima dos meus interesses. Eu poderia

trabalhar tanto com a língua portuguesa, quanto com a língua francesa e ter uma abordagem mais prática, para não ficar só teorizando. Apesar disso, eu não me queixo do que fiz na USP. O que eu aprendi na Linguística me foi muito útil, por muito tempo, até mesmo para dar aula no colegial, como, por exemplo, fonética e a fonologia.

Fragmentum: Como você vê a sua passagem por essas instituições?

Coracini: Engraçado, uns dizem que é um problema no meu currículo: como é que você passou por três instituições na cidade de São Paulo? Três com a UNICAMP. Outros dizem: não, isso que é bom, porque é bom conhecer modos diferentes da vida acadêmica, do fazer científico. Eu, pessoalmente, acho que foi muito bom. Na verdade foram quatro, porque eu fiz Mackenzie na graduação, mestrado na USP, doutorado na PUC de São Paulo, depois eu vim para cá e fiz livre docência na UNICAMP e concurso para titular na UNICAMP. Portanto, eu passei por quatro instituições paulistas e a única particular foi a Universidade Mackenzie, que era subsidiada pelos religiosos. Hoje, chama-se Universidade Presbiteriana, mas eu não tinha nada a ver com os presbiterianos. Eu nem sabia, na época, que ela tinha a ver com uma posição religiosa. Mas ela era subsidiada e por isso era bem mais barata do que a PUC de São Paulo, que deixei de lado por não ter, na ocasião, dupla licenciatura. Então, fiz o curso lá no Mackenzie e o curso foi muito bom. Os professores eram todos da USP. Eu não tinha tantos professores quanto os alunos da USP tinham, mas todos os professores também integravam o corpo docente dos cursos de Letras da USP. E, por acaso, mais um acaso na minha vida, era o momento em que eles estavam fazendo uma reformulação curricular. Então, havia muitas disciplinas optativas e eu tratei de fazer todas as que eu podia, inclusive grego. Eu optei por todas (risos). Por exemplo, era obrigatório fazer dois anos de latim, o opcional era fazer três anos e eu fiz o terceiro. Isso me deu oportunidade de lecionar no colegial. Dei aula de latim, dei aula de fonética e fonologia, de morfossintaxe, no clássico, no Colégio de Santa Inês. Depois, na PUC de São Paulo, eu dei aula de fonética e fonologia da língua francesa. Dei aula de morfossintaxe da língua francesa, aula de leitura, de tradução... Porque, na PUC, era assim, você tinha que dar aula de tudo, ainda mais na área de francês, que não tinha muita gente contratada. Dei aula, inclusive, de prática de ensino. Aliás, eu estava em aula de prática de ensino – estávamos no segundo semestre de 1984 –, discutindo um texto de Foucault, quando um aluno entrou e deu a notícia da morte do filósofo: isso me ficou na memória... Então, eu achei que meu curso lá no Mackenzie foi muito bom, porque eu aproveitei tudo o que era possível e mais um pouco. Se fosse oferecido um curso de extensão, eu ficava à noite e fazia. Nessa época, eu já estava dando aula de manhã, à tarde, cursava a faculdade e, à noite ou eu

ia para a Aliança Francesa ou fazia um curso de extensão. Lembro-me que eu saía de casa às sete horas da manhã e chegava em casa às dez, às vezes dez e meia da noite. Ficava o dia inteirinho fora de casa, trabalhando e estudando. Bom, o mestrado na USP me deu uma certa bagagem na Linguística. Porque eu forcei essa bagagem na linguística? Porque, na área de francês mesmo, era praticamente só literatura. O D'Olim Marote disse que iria me orientar, ainda que já estivesse aposentado em Letras. Ele só estava na Educação e eu o encontrava na PUC. De vez em quando, eu falava para ele: professor, a gente precisa se encontrar, conversar sobre a pesquisa de mestrado, mas era muito difícil. Então, a minha formação no mestrado foi praticamente em literatura. Quando tinha língua, era assim, a linguagem em Molière. Quando a gente fazia uma reflexão sobre aspectos linguísticos, não tinha nada a ver com Linguística; eram estudos comparativos. Fiz um curso sobre a linguagem em Molière, um outro sobre o sorriso na literatura francesa, que também não tinha a ver com língua. Foi muito mais literatura do que, propriamente, língua. Os cursos na França e a minha dissertação é que foram voltados para língua e eu tive que realmente estudar aquilo que era necessário para analisar os advérbios de relatividade. Por que advérbios de relatividade? Porque põem em relação o tempo e o verbo. Quando eu fui para a PUC, as aulas que assumi foram muito mais voltadas para língua, mesmo as aulas de tradução, do que para literatura. Havia um módulo de tradução literária, que eu cheguei a lecionar, mas havia uma professora especializada em literatura francesa, que tinha também sido minha professora de literatura francesa no Mackenzie. Então, a gente passava para ela, porque eu achava que ela era mais proficiente. O Professor D'Olim Marote ficou ainda muito tempo como chefe de departamento, mas, assim que eu entrei, ele me colocou na vice-chefia. Quando ele saiu, porque se aposentou na PUC de São Paulo para ficar só na Faculdade de Educação da USP, assumi a chefia do departamento e a coordenação do curso de Francês Tradutor/Intérprete e Licenciatura. Aí, eu comecei a fazer o doutorado lá, o que me deu a possibilidade de me familiarizar mais com a teoria do ensino e aprendizagem, análise de material didático, coisas que eu ainda não havia cogitado até então, análise do discurso, apesar de ser uma análise de discurso de linha britânica. No fundo, no fundo, hoje, pouco tempo depois eu já percebi que era Linguística do Texto. Não era uma Linguística do texto pura, do tipo que se encontra em Halliday & Hasan, porque tomava como parâmetro a situação de enunciação: quem fala, com que fala, por que fala, por que diz isso e não aquilo, com que objetivos. Isso, para mim, é Linguística do Texto. Não tinha nenhuma preocupação com o momento histórico-social, isto é, com as condições de produção, com os efeitos de sentido. Quando eu passei do meu primeiro orientador que tinha essa visão de análise de discurso de linha inglesa para o Professor Rajagopalan, que não era analista de discurso, mas tinha uma linha pragmático-desconstrutivista, aí eu tive que dar uma guinada, o

que para mim foi muito bom, porque eu acho que eu tava fazendo, teoricamente falando, o samba do crioulo doido, juntando Ducrot com Halliday & Hasan, com Foucault, uma salada mista. E o Rajan foi o único que conseguiu perceber. Eu achava que as coisas não estavam muito legais, mas, se meu primeiro orientador achava que tudo o que eu fazia era ótimo, eu ia fazer o quê? Ele não me criticava. Aí o Rajan me ouviu, pela primeira vez, falar em público. Lá na PUC, fazia-se um seminário (que a gente precisaria instaurar aqui): os orientandos de doutorado, obrigatoriamente, tinham que participar, ao menos uma vez durante o curso, de um colóquio, em que apresentava parte de sua tese em andamento; esse colóquio era aberto a outras pessoas do Programa de Pós-Graduação. Isso era uma coisa muito boa, pois a gente acabava falando sobre o nosso tema de tese para pessoas que, não necessariamente, comungavam da mesma visão teórico-metodológica. O Rajan estava lá, porque eu era sua orientanda, a única orientanda dele, naquele momento; por isso, ele foi me ouvir. Ainda bem, porque, até então, a gente não tinha conversado. Depois que me ouviu, ele disse: gostei muito de sua apresentação, mas tem umas coisas... Ele não era muito claro; então, eu não sabia se ele estava falando bem ou mal da pesquisa. Mas uma coisa ele disse claramente: é como se fosse religião, se você acredita em tudo o que você está falando, tudo bem, eu não vou dizer nada, mas eu acho que você está mobilizando teorias completamente díspares. Você está juntando tudo como se fosse a mesma coisa. Eu lhe disse que queria entender melhor e que estava disposta a fazer o que ele recomendasse e ele começou indicando o texto de Austin *How to do things with words*. Depois que eu lia e tomava notas, ia discutir com ele e ele abanava a cabeça. E eu não sabia se ele estava concordando ou não com o que eu estava dizendo: parecia que não, mas eu ficava sem saber o que fazer. Eu não tinha coragem de perguntar sobre o significado do gesto. Eu perguntava apenas: mas não é isso? E ele fazia aquele não de indiano, um gesto que parece um não, mas que não é não, e eu ficava perdida, porque eu só soube o que significava aquele meneio de cabeça, bem depois de ter defendido o doutorado, quando eu já estava aqui na Unicamp. Um dia, passando pelo corredor, ouvi o Rajan e outros colegas rindo, porque ele havia dito que aquele gesto com a cabeça significava sim e que um outro, para nós não tão diferente, significava não. Foi aí que eu disse: Rajan, por que você nunca me contou? Me fez sofrer dois anos e meio – que foi o tempo que ele me orientou –, e eu sem saber o que significava esse gesto com a cabeça (risos). Eu ia para casa desesperada, ia ler tudo de novo, olhar tudo outra vez, achando que ele não estava concordando com a minha interpretação. Bom, quando vim para a Unicamp, eu já era doutora havia alguns anos, eu já tinha um percurso. Particpei como docente, durante três anos, de 1989 a 1992, no LAEL, lecionando Análise de Discurso para mestrandos e doutorandos e orientando alguns desses alunos. Eu não tinha nada, dá para perceber, dessa visão

pecheutiana da análise do discurso. Como eu estava começando o Projeto Nacional de Francês Instrumental, em um dado momento, a gente fez um evento grande, o Primeiro Encontro Nacional de Francês Instrumental, e eu convidei, porque eu achava que a análise de discurso era importante na formação de professores de francês e no ensino de língua estrangeira, convidei o Eduardo Guimarães, para fazer parte de uma mesa redonda e a Eni Orlandi, para fazer uma oficina, um ateliê, como se diz em francês, sobre análise de discurso. Foi esse o meu primeiro contato. Por que eu estou falando isso? Porque, depois, eu fui levada a ler alguma coisa tanto da Eni, quanto do Pêcheux, por causa de alunos que ouviam falar da Unicamp ou vinham fazer disciplina aqui ou ainda tinham acesso à bibliografia e, como eu disse, eu ministrava uma disciplina na PUC sobre análise de discurso, no curso de Linguística Aplicada do LAEL e aí eles me forçavam a ler também outras coisas, para eu opinar. Foi assim que eu adentrei, sem muita convicção, porque não era bem a linha da análise de discurso que eu adotara no meu doutorado. Para a tese de doutorado, eu já havia lido Foucault e Derrida, então, eu já tinha outros elementos que não eram da chamada escola francesa de análise do discurso. Na verdade, os meus alunos sempre me levaram e me conduziram, um pouco, para outras praias, para outras pesquisas. É engraçado, por isso que eu digo que desoriento: ao mesmo tempo em que eu acho que indico um certo caminho para os alunos, especialmente, para aqueles que estão sob minha orientação, os meus alunos sempre me impulsionaram a perseguir veredas imprevistas. Eu sempre fui um pouco levada por isso, porque eu não acho que a gente tenha que se fechar numa linha teórica, em certas leituras e não arredar pé. Confesso que eu tinha um pouco de resistência, depois de uns anos de Unicamp, resistência à psicanálise. Eu pensava: tem tanta coisa que eu não li ainda em análise do discurso e em desconstrução e já vou para a psicanálise? Eu desconfiava; o aluno fazia análise dos registros coletados para sua pesquisa e eu dizia: como é que você sabe que isso é um lapso ou um ato falho? Isso é um erro de francês ou de inglês, porque essa era a minha visão. Aí o aluno dizia: não, você precisa ler Freud e Lacan, e, com o tempo tive que me render: então, vamos discutir juntos os textos. Era o que a gente fazia nos encontros do grupo de orientandos, nos Seminários Avançados de Pesquisa, disciplina curricular em Linguística Aplicada. Foi aí que você [Beatriz] veio. Você lembra?

Fragmentum: Sim, foi em 1999.

Coracini: Estava o Nelson, naquela época e foi ele que me forçou a ler textos em psicanálise. Era quase que uma obrigação. Sim, foi em 1999. Estava o Ernesto também. E ele levou o grupo a ler alguns textos de psicanálise. E aí, o Ernesto propôs chamar a Cláudia Riolfi para apresentar sua

tese de doutorado, no âmbito da psicanálise de orientação lacaniana e esse foi nosso primeiro contato com ela, para discutir aspectos da tese, que tinha uma relação muito forte com o ensino de línguas estrangeiras. Apesar de a gente ter achado que a tese tinha mais teoria do que análise, foi o primeiro empurrão, mas foi um empurrão feito por aluno. Assim como na minha tese de doutorado, a tese mesmo, o tema, foi tirada do contato com alunos da área de Biologia da USP, o meu percurso todo foi assim. Claro, isso significa também que eu nunca gostei de ficar parada, paralisada, enquadrada. Mas eu tenho consciência disso: os alunos são em parte responsáveis por um percurso que a gente nem podia imaginar. Em 2000, a gente começou com o grupo de estudos sobre Psicanálise; a Cláudia foi convidada e, no segundo semestre, o grupo começou. Ela já tinha feito uma disciplina comigo, no mestrado; portanto, já nos conhecíamos. O Ernesto fez a ponte, perguntou se ela tinha interesse. Ela morava em Campinas, na época, e começou assim. Uma vez por mês a gente se reunia e, desde aquela época, não paramos mais. E, depois que a gente entra – sem fanatismo nenhum –, a gente acaba achando que tem que entender melhor, porque a minha questão era essa: eu sempre me preocupei com a questão da subjetividade, desde o doutorado. A subjetividade na filosofia... foi por aí que eu trabalhei mais no doutorado e a subjetividade na Linguística, com Benveniste e tal. Mas, chega uma hora em que isso começa a limitar um pouco. Como explicar determinadas interações em sala de aula, que era o discurso que a gente trabalhava na época. Desde 1992 até mais ou menos 1998 e 1999, a gente ficou com a sala de aula, o livro didático. E essas interrogações a gente achava que a psicanálise podia ajudar a entender e eu acho que está ajudando. Sempre com a ressalva de que a psicanálise é também uma teoria e, como tal, tem toda uma racionalidade e, como toda racionalidade, ela é desconstrutível, passível de desconstrução. Ela não é uma religião. Essa sempre foi uma coisa minha: não tomar as teorias como religiões. Isso me permitiu percorrer caminhos sobre os quais eu não havia pensado antes, porque, penso eu, no momento em que você diz que é assim, que eu tenho que ficar só aqui, você não (se) abre (para) outras possibilidades.

Fragmentum: Você entra no doutorado pelo viés discursivo, né?

Coracini: Por um viés discursivo, não pelo viés discursivo. É diferente.

Fragmentum: Por um viés discursivo, exatamente. E ele toma um caminho entre os estudos foucautianos, pecheutianos, derridianos, a psicanálise... Como você costura (ou sutura) essa relação?

Coracini: No começo, essa relação era problemática, não para mim, era problemática para os outros, que achavam que o que eu fazia era o samba do crioulo doido ou um saco de gatos. Só que eu acho que, nesse saco de gatos, os gatos não eram inimigos, apesar de às vezes se arranharem, porque não é sem tensões; isso sempre ficou claro nas nossas discussões, aqui na Unicamp, mas não só, desde que temos projetos de pesquisa aprovados pelo CNPq. Desde 1993, depois que eu voltei do Canadá... mas já em 92, porque, quando eu fui contratada pela Unicamp a gente já fazia, aliás, eu ainda estava na PUC, e eu já participava do grupo de pesquisa temático da FAPESP coordenado pela Ângela Kleiman. Então, a Deusa era minha orientanda de mestrado, depois ela veio para cá fazer doutorado... porque eu estava saindo da PUC. A Marisa Grigoletto, que quis fazer, quando eu já estava aqui, uma área complementar para o doutorado, sob minha orientação, acabou se filiando ao grupo. Eu já conhecia muito a Marisa, porque fomos colegas na PUC de São Paulo e coordenadoras de curso, ao mesmo tempo. Quando a gente fez a reformulação curricular, ela era uma das coordenadoras com quem trabalhei. E a Anna Maria Carmagnani era minha doutoranda da PUC ainda. Então, nós quatro sempre nos reuníamos, todos os meses, pelo menos uma vez por mês para discutir textos e nossas pesquisas. Já naquela ocasião, a gente já se colocava a seguinte questão: tudo o que fizermos sobre ensino, sobre formação de professores, não pode mais ficar com aquela ideia de que tem que se reciclar o professor, para ele sair de outro jeito, como se fosse uma maquininha que produz a mudança, a transformação. Esse era um dos aspectos que vinha da leitura de Derrida e de uma certa orientação do Rajan, do meu orientador de doutorado. Essas discussões eram muito importantes para a gente levar os projetos adiante. Eu vivia discutindo isso: por que Foucault não era mais estudado na análise de discurso? Pêcheux veio, para mim como um, como eu poderia dizer, ele não foi o primeiro. Pelo contrário, ele me foi empurrado por alguns alunos. Então, eu lia Pêcheux e achava que era Foucault que estava falando, ou lia Eni Orlandi e, para mim, era Foucault. Sempre considerei Foucault o mais importante. Quando eu fui convidada para o I SEAD, Seminário de Estudos em Análise do Discurso, em Porto Alegre, é claro que eu tive que problematizar muito Pêcheux, porque eu achava que ele era muito estruturalista na primeira fase, e depois ele punha o pé na psicanálise, mas punha e tirava correndo e, ao mesmo tempo, ele criticava Foucault. Então, havia uma diferença muito grande, que vinha da ideologia: Foucault recusava esse termo por estar atrelado à luta de classes; preferia falar em relações de poder. Mas o olhar problematizador, que busco ter, vem de Derrida, não tenho a menor dúvida. As leituras que eu fazia de Derrida, certas ou erradas, eram leituras que me levavam a problematizar, ao mesmo tempo em que também me possibilitavam não fazer cortes muito radicais entre ele, Foucault e Lacan. Quando eu fiz o concurso de livre docência, em 2000, eu já apostava nisso,

embora eu ainda engatinhasse em psicanálise (hoje, já dou alguns passos...). A minha questão não era a psicanálise. Era mais Foucault, análise do discurso... alguns achavam que a análise do discurso não tinha nada a ver com Foucault e Derrida. Já aí eu fui questionada, sem trazer a psicanálise ou muito pouco da psicanálise, porque eu tinha um pezinho, mas era um pezinho tão levinho... Foi aí que alguns entenderam que eu estava trabalhando com um saco de gatos, porque eu não conseguia ainda convencer as pessoas de que havia uma relação forte entre esses intelectuais e de que não era o samba do crioulo doido: falar de Derrida, puxar alguns fios da psicanálise e trazer Foucault. E pode ser que até um pouco de Pêcheux, mas Pêcheux nunca me entusiasmou muito, a não ser o seu texto “Discurso: estrutura ou acontecimento?”. Aí, eu prometi a mim mesma..., porque eles me colocaram, me prensaram contra a parede, o que fui muito bom, eu não gosto de concurso que deixa a gente se achar ótimo. Muito pelo contrário; ali, eu me senti péssima e me empolguei. Quando eu terminei, nem sabia se havia chão, se eu tinha braço, perna, porque a arguição me subiu à cabeça para defender... mas eu não tinha muitos argumentos. Eu pensei: agora, eu vou levar ainda mais a sério, como um desafio: o pessoal vai entender que esses filósofos têm a ver sim, tem tensões, tem diferenças, mas têm a ver um com o outro. Não foi muito rápido, porque eu era coordenadora de pós-graduação, não dava tempo de fazer muito coisa. Ainda tive meu AVC, no meio do caminho, em 2005, e, enquanto isso, só fiquei estudando, continuei estudando Foucault, Derrida, psicanálise, sempre fazendo os meus elos. Mas, eu só pude, de fato, me dedicar a essa questão por ocasião do meu sabático e da Licença Prêmio, que gozei no mesmo ano, em 2006, e fui três meses para a França e três meses para Portugal. Daí eu mergulhei... falei comigo mesma vou ter que mostrar as minhas conclusões no meu concurso para titular, que têm a ver, sim, esses elos que eu vinha fazendo. Tanto que o Rajan, que foi de novo o presidente da banca, disse que eu levei a sério o que tinha sido dito anteriormente na livre docência e que levei a sério o questionamento que foi me feito na época. Não sei se eu respondi à pergunta de vocês.

Fragmentum: Sim, como você costura essa relação.

Coracini: Então, vocês querem saber como, porque eu só contei a história. Em primeiro lugar, esses três grandes autores, com os quais eu mais me preocupei, Derrida, Foucault e Lacan - e isso eu pude perceber em 2006, quando eu estava lendo muitas coisas sobre eles - os três tiveram uma formação semelhante na filosofia, inclusive Lacan. Todo mundo acha que o psicanalista francês não tem nada a ver com filosofia, mas tem sim. Lacan mostra que tem. Freud não, mas Lacan, sim, embora ele também fosse médico. Os três (Foucault, Derrida e Lacan) eram tidos..., quando houve aquele movimento estudantil em Paris, em 1968, eles eram “xingados” de

heideggerianos, o que era considerado um palavrão! Eu li textos que diziam o seguinte: Foucault era Heidegger + Nietzsche. Inclusive o próprio Derrida, em *De que amanhã*, retoma isso... mas eu não li isso em *De que amanhã*. Eu li isso numa revista acadêmica que explicava essa relação entre eles, que era mal vista, porque Heidegger era mal visto, por ter introduzido a questão da subjetividade, uma outra visão de filosofia que não era metafísica. E não era bem visto porque achavam-no pouco científico, pouco conforme à tradição filosófica, essa que era a questão... Lacan era Heidegger + Freud, então, era pior ainda, porque psicanálise não podia ser ciência. E Derrida era Heidegger + Heidegger, como se ele fosse só Heidegger e não questionasse Heidegger. Ele tem textos em que questiona Heidegger, o que não significa que ele não seja também heideggeriano; às vezes, não é porque a gente assume uma parte da filosofia de Heidegger que a gente tem que assumir tudo o que Heidegger postula. É uma parte, mas a outra não; então, em certos aspectos ele concorda, mas em outros aspectos da fenomenologia ele não concorda. A mesma coisa em Foucault, no livro *Microfísica do Poder*, há uma entrevista em que ele diz não mais aceitar a noção de sujeito da fenomenologia, que está mais voltado para as experiências, filosofia que tenta encontrar a verdade nos dados da experiência. Mas, isso não implica que ele não possa aceitar uma parte dessa filosofia. Então, eu acho que é impossível, quem tem uma base filosófica comum, uma formação de anos, ser completamente diferente. Não é possível não ter nenhuma relação... Lógico que eles se uniram em 68 e que, depois disso, cada um seguiu seu rumo, mas não tem como ser um rumo inteiramente oposto. Então, Foucault ficou concentrado muito mais no social, nessa exterioridade constitutiva do discurso, na questão das formações discursivas, ou melhor, no discurso em formação. A preocupação dele era ver como é que o discurso, de uma certa maneira, constrói a subjetividade e constrói os lugares que podem ser ocupados por qualquer indivíduo, constrói a própria realidade e as verdades. Realmente, ele enfatiza muito mais a questão social, histórico-social. Lacan, por sua vez, vai se voltar mais para Freud, mas, já em Freud, o social estava presente, porque... como se pode tirar o sujeito do meio em que ele se constitui? É impossível! Sobretudo, se considerarmos que Lacan postula o sujeito da linguagem. Aí já se tem um ponto de ligação na noção de sujeito. Derrida, então, fala pouco de sujeito e, quando fala, prefere dizer um efeito de sujeito. Um efeito. Ou subjetivação. Foucault também fala mais de subjetivação do que de sujeito. Quando se refere à subjetividade, é a esse efeito, efeito social, vamos dizer, ou efeito discursivo. Lacan também prefere falar de subjetivação. Então, a noção de sujeito, que não é mais considerado sujeito centrado, como era antes daquele movimento estudantil e tal, tanto na filosofia, quanto em qualquer ciência: aquele sujeito centrado, voltado para si mesmo, o sujeito cartesiano..., no movimento de 68, foi rechaçado, muitos intelectuais se posicionaram contra, exatamente contrários a essa visão de

sujeito racional. Os três, portanto, postulavam o sujeito cindido, dividido, o sujeito descentrado. Acho que esse é um ponto forte que, quanto mais a gente estuda, mais a gente percebe que, embora um não se sobreponha ao outro, eles se encostam sem provocar um choque muito grande, sem um matar o outro: com diferenças, é importante enfatizar, senão a gente faz *tabula rasa* das diferenças, diz que é tudo a mesma coisa e não é verdade. Há pontos de encontro. Outro ponto de encontro que eu acho fundamental e sem o qual eu não consigo unir perspectivas teóricas ou visões diferentes, é a questão da linguagem, a noção de linguagem. Se você adota a noção de sujeito descentrado, você não pode conceber a linguagem como transparente. Então, nenhum deles trabalha com essa noção de linguagem: de que eu digo X, o outro tem que entender X, porque X corresponde ao meu pensamento que se transmite pela linguagem verbal (ou não). Essa visão, que é bastante antiga e remonta aos filósofos gregos, não tem mais a ver com os três – Foucault, Derrida e Lacan. Eles comungam, mais uma vez, de uma noção que, para mim, é fundamental, que é a noção de linguagem. Linguagem opaca, que é equívoco. Linguagem que não é mais língua, enquanto sintaxe, análise gramatical. As preocupações são outras. Eu acho que os dois são grandes filósofos da linguagem, tanto Foucault, quanto Derrida. Eu os considero filósofos da linguagem. Lacan, eu não posso chamar de filósofo da linguagem, mas ele coloca, já na própria noção de subjetivação, a linguagem: só há sujeito na medida em que há sujeição à linguagem. O sujeito, portanto, é constituído pela linguagem. Embora ele vá ao *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, tomar a noção de língua, para trabalhar, mas para trabalhar às avessas, e vá também a Descartes, para problematizar a noção de sujeito, também trabalhando às avessas. Ele não toma Descartes e aplica. É exatamente o contrário. Fazendo esse movimento, tentando entender como eles vêem a linguagem e o sujeito é possível postular pontos de encontro entre Derrida, Foucault e Lacan. Derrida, tanto quanto Foucault, vê no que problematizar a psicanálise lacaniana, assim como ele também problematiza a psicanálise freudiana, mas mais a lacaniana, porque se trata de uma teoria, internamente coerente, que sistematiza, constrói categorias, busca localizar cada noção, cada conceito, ainda que não seja possível fazê-lo a não ser de forma abstrata. Logicamente, Derrida tem o que questionar na psicanálise, assim como Foucault vê relações de poder na clínica psicanalítica, uma forma de sujeição do paciente, que se expõe em confissão. Derrida também questiona algumas coisas em Foucault e Foucault, em Derrida. Felizmente!

Fragmentum: É o que Derrida fala sobre a posição do amigo?

Coracini: É, justamente. Se é amigo da psicanálise, ele, Derrida, pode falar do lugar da psicanálise, embora não seja psicanalista. Ele não era

psicanalista porque nunca tinha feito análise, terapia. Então, ele não podia ser confundido com um psicanalista nem ele quis ser, mas se casou sempre com psicanalistas, duas psicanalistas! É incrível, né? Como você vai explicar um negócio desses? Por que casou com duas psicanalistas? Por isso, ele se interessou pela psicanálise? Pode ser, mas por que procurou as psicanalistas? Coisas que a gente não explica. É aquilo que eu estava dizendo, são opções que a gente não sabe por que faz... e que acontecem! E como você vai dizer que sua vida tem um rumo certinho, uma raiz, caule, tudo no seu devido lugar? Não tem. A gente vai vivendo. Como é que eu poderia saber, um dia, quando eu era aluna no Mackenzie, que eu estaria hoje na Unicamp, dando aulas, pesquisando, orientando e que seria titular? Isso nem me passava pela cabeça. Claro que, aos poucos, tudo foi se construindo, mas nunca me passou pela cabeça, não foi planejado. O que eu imaginava era dar aula no ensino fundamental e médio, na época, ginásio e colegial.

Fragmentum: Nós estávamos falando das instituições pelas quais você passou e você falou há pouco desse momento, no seu pós-doutorado mais recente, que realmente marcou o seu percurso, eu diria...

Coracini: Eu não diria que marcou o meu percurso. Eu diria que me possibilitou tempo para me dedicar àquilo em que eu já acreditava, que eu achava que era, mas que precisava de mais fundamentação teórica, para não ouvir novamente que eu estava lidando com um saco de gatos. Eu queria que os gatos conversassem, porque eu achava que eles podiam conversar. Não totalmente, mas que tivessem alguma conversa. Foi isso o que aconteceu. Não que os meses de pós-doutorado em Paris e em Lisboa tenham me mudado, porque eu já fui com o projeto definido para a França, disposta a aprofundar a questão do ser/estar entre línguas. Lá eu li muita coisa sobre identidade, sobre línguas-culturas. Depois, eu fui para Portugal, com um projeto que mandei para a FAPESP, que era parte do mesmo projeto CNPq e que dizia respeito à problematização dessas relações teóricas.

Fragmentum: Falávamos das instituições pelas quais você passou no Brasil, e sobre seus estudos fora: instituições, pessoas, momentos, caminhos/descaminhos. A que esses estudos enveredaram?

Coracini: O mais importante foi Paris III, onde eu fiz o mestrado. Aqui, no país, há muitos estudiosos que tenho contato. Fora do país, tem em Paris III, Sophie Moirand, tem Rémy Porquier, da Universidade de Paris X. Agora ele está aposentado, mas continua ativo. Conheci o pessoal todo de Paris X, porque, quando eu fiquei mais tempo lá, eu fui para outros lugares que não só Paris III. Na primeira fase, quando eu morei lá, estudei com linguistas,

como Ducrot, também nos outros estágios; aliás, até hoje eu o encontro passeando pelas bibliotecas, quando estou lá. Outro é o Bernard Pottier, que é bastante antigo, que era da semântica, que foi por onde eu comecei. Inclusive, ele foi um dos meus interlocutores em Paris, quando eu não tinha orientador oficial aqui no Brasil. Então, foi ele na Linguística e a Sophie Moirand na Didactique des Langues (lá não se chama Linguística Aplicada, chama-se Didactique des langues). Com a Sophie, a gente continuou tendo bastante contato. Depois, como visitante, aqui no Brasil, a Authier-Revuz. O último pós-doutorado em Paris fui fazer foi com ela, com a Authier-Revuz. Sempre, indiretamente, pelas leituras e, depois, pelos contatos. Um contato que, para mim, foi muito importante foi o Marc Souchon, da Université de Franche-Comté, em Besançon. Na verdade, Marc Souchon me conheceu porque ele era leitor da UnB e estava em Brasília quando a gente começou o Projeto Nacional de Francês Instrumental. Ele me conhecia e, anos depois, acho que foi para a Sophie Moirand que ele pediu meu endereço e conseguiu mandar uma carta para mim, perguntando se eu tinha interesse em ir para Besançon como professora convidada. Esse momento, em que eu fiquei dois meses como professora convidada, na Université de Franche-Comté, foi para mim muito bom. Não que eu tivesse aprendido muita coisa, mas exatamente porque eu pude dizer aquilo que eu nunca pude fazer na França, porque, em geral, eu sempre fui para a França para ouvir. A Sophie Moirand ainda me fazia falar alguma coisa para os alunos dela, quando eu ia, já formada, já doutora. Mas os outros, a gente sempre vai lá para ouvir, ouvir, aprender; eles, de modo geral, estão pouco interessados, sempre achei isso, no que a gente pensa, no que a gente sabe. Essa foi uma oportunidade em que eu pude também dizer para ele, quando ele começou a admitir certas críticas, não críticas construtivas, para elucidar, mas para dizer que o que eu estava falando era bobagem. Eu lhe disse: se você me convidou, você vai me ouvir... vocês vão criticar depois, mas vocês vão me ouvir! Então, foi o único momento em que me senti na posição de professora convidada. E eu dizia: se eu sou professora convidada, vocês têm que me ouvir. Depois a gente discute, porque eu não tenho problema nenhum com discordâncias, mas é preciso que a gente se ouça. E ficou muito claro que eu assumia uma postura teórica, já em 2000, bastante diferenciada dos que estavam lá. Tanto que uma professora francesa, que foi me ouvir, chegou no intervalo até mim e disse: os franceses jamais vão admitir que vocês pensem diferente, você é iconoclasta; foi esse o termo que ela usou e eu achei muito bom ser iconoclasta. Eu adoro! Nesse evento, eu conheci o Patrick Anderson, que eu não sabia, exatamente, com o que trabalhava, mas eu sabia que trabalhava com Didactique des Langues Etrangères, porque eu o ouvi falar em um evento em homenagem a Jean Peytard, que foi orientador de todos eles, da maioria deles e que havia falecido há alguns anos. Ele foi a pessoa com quem eu mais me identifiquei, do ponto de vista teórico, mas eu não tive muita

oportunidade de conversar com ele, naquela ocasião. Só no final desse encontro, porque ele estava em um outro campus, da Université de Franche-Comté. Então, eu não tive mais contato com ele. Comprei o livro que resultou de sua tese e foi só através da Carla, que é uma de minhas orientandas de doutorado, que já tinha entrado em contato com ele antes de ser admitida no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, aqui na Unicamp (porque ela achava que não ia conseguir entrar; já tinha tentado uma vez e não tinha conseguido), para fazer o doutorado lá. Quando ela entrou aqui, ela perguntou se eu toparia um convênio com Besançon e com o Patrick Anderson. E eu já estava atrás dele para fazer pós-doutorado, mas não conseguia nem o e-mail nem o número de telefone, nada. Conclusão: quando a Authier-Revuz me respondeu, aceitando-me no pós-doutorado, eu larguei mão, não fui mais atrás do Patrick Anderson. E, quando eu estava em Paris, eu fui a Besançon encontrá-lo, por causa da Carla, e eu vi, realmente, que há muito em comum no que fazemos e pensamos. Ele é uma pessoa super-interessante do ponto de vista teórico, trabalha com psicanálise. É um dos poucos na França que trabalha nesse vespeiro. No Canadá (1992-1993), eu fiz um pós-doutorado também, em Québec, não foi com a pessoa que eu mais gostaria de ter feito, mas eu conhecia pouca gente lá que trabalhava com discurso; era um discurso mais voltado para a área de literatura. Fiz com Marc Angenot, que tem, portanto, uma abordagem conteudista: ele não é linguista. Então, são contatos que vão, evidentemente, fazendo com que a gente avance, ou não, mas que pelo menos caminhe, continue, percorra, não pare. Em Portugal, o contato maior foi graças a você [Beatriz] com a Clara Ferrão Tavares, porque ela veio na sua defesa de doutorado e deu um curso aqui também quando veio. Depois, a gente a convidou para fazer parte do conselho editorial da Revista Trabalhos em Linguística Aplicada. Ela também nos convidou, a mim e a você, para publicarmos na revista de lá, já por duas vezes, não é? Então, a gente tem um contato bastante interessante com ela, embora tenhamos diferenças teóricas. Depois, quando eu estava em Portugal, em 2006, ela me convidou para ir à Escola Superior de Educação de Santarém e, quando lá fui, eu vi que a gente tinha outras coisas em comum: uma formação em língua francesa. Eu já sabia disso, mas, do ponto de vista metodológico de sala de aula, somos muito parecidas. É uma coisa interessante que, quando ela esteve aqui, eu não tinha percebido. Também tive contato com o Jorge Ramos do Ó, que conheci aqui no Brasil, em um evento sobre Foucault, em Florianópolis – ele é especialista em Foucault. Aí, a gente o convidou para dar um curso aqui, na Unicamp, e a Marisa Grigoletto o convidou dar um curso na USP. Ele ministrou um curso intensivo de uma semana e ele mesmo fez com que eu me interessasse em fazer um pós-doutorado lá na Universidade de Lisboa, sob a sua supervisão. Quando eu lá estive, no ano seguinte (2006), disponibilizou-me seus livros no tempo em que lá fiquei e possibilitou,

sobretudo, isto: ficar três meses estudando, só estudando. Isso faz a gente criar coisas, pensar em outras coisas; aqui, a gente não tem tempo.

Fragmentum: Esse seu movimento, tanto nas instituições, quanto na leitura dos autores, desemboca sempre na questão da língua (ou da linguagem): língua de si, língua do outro, língua materna, língua estrangeira... Como você compreende esse entre-lugar de que você trata em suas publicações mais recentes?

Coracini: Sempre. Como eu entendo esse entre-lugar? Como me ocorreu isso? A minha questão era esta. Embora com preocupações de ensino e aprendizagem, eu queria saber como é que professores, tradutores, como é que essas pessoas se viam... porque essa foi sempre uma indagação minha, nos lugares que eu percorri, na PUCSP, tanto como professora de tradução, quanto de língua. Afinal de contas - isso eu sempre achei -, a gente não passa incólume por nenhuma língua, pela aprendizagem de uma língua... é impossível! Sempre ela traz na gente alguma transformação e, sobretudo, depois que você vai para um país, para outro... você sente na pele tudo isso. Então, eu tive interesse em entender um pouco melhor essa identidade: a identidade de alguém que, na prática, fala duas ou três línguas, por exemplo. Aí, eu formulei esse primeiro projeto, o ser/estar-entre-línguas, entre duas línguas, entre três línguas. Nos relatos – porque me interessavam os relatos, as pessoas falarem de si, de como se sentiam, de como foi, de como é essa trajetória, como é viver entre essas línguas, não ser apenas falante de língua portuguesa – as pessoas foram me trazendo elementos para endossar aquilo em que eu já acreditava, que não dá para falar de erro, quando há mistura de línguas. Como é que se diz? “Está sendo contaminada pela língua portuguesa”, essas coisas sempre me incomodaram. Um trabalho que me levou a isso também foi uma discussão que eu fiz em uma palestra, até foi no nordeste, sobre o ensino de língua estrangeira e como a língua chamada materna era totalmente banida em sala de aula. Não se podia falar português na sala de aula, quando se aprendia uma língua estrangeira. Essa interdição remonta ao método audiolingual, depois audiovisual. Mais tarde, na chamada abordagem comunicativa, embora eles digam “não, pode, de vez em quando fazer uso da chamada língua materna”, o reforço ainda continua recaindo sobre a oralidade, falar na língua do outro, vamos dizer, e o mito da oralidade não se perdeu. Mas me incomodava falar de contaminação ou, então, de interlíngua. Eu entendia, mas isso me irritava sobremaneira. Interlíngua significa que, durante o percurso de aprendizagem de uma outra língua, como ainda não sei falar direito, fico no meio dessas línguas, falando portunhol, franglês, como se aquilo fosse apenas uma etapa a ser superada num estágio mais avançado, quando consigo me expressar bem nessa língua estrangeira, independentemente da minha primeira língua. Isso me

incomodava muito. Eu não consigo engolir esse pedaço da teoria da aprendizagem de língua estrangeira. Na pesquisa, então, a que me refiro, comecei coletando os registros, os relatos e, depois, analisando e me analisando também, porque não dá para analisar o outro sem se analisar, e percebi que isso é tudo bobagem, que a gente está sempre entre línguas. Não é inter-língua, porque inter-língua já traz a ideia de uma língua. Na verdade, eu estou entre-línguas o tempo todo. Essa foi a conclusão a que eu fui chegando ao longo dos meus três ou quatro anos de pesquisa (entre 2003-2006), que me levaram, posteriormente, à pesquisa que se encontra em andamento agora e que deve terminar no próximo ano – um finalmente que não tem ponto final – que é o ser/estar entre línguas-culturas em uma mesma língua. Como eu posso dizer que a língua portuguesa falada no Brasil é uma só? Claro, se você ficar fazendo a distinção entre língua e linguagem, como fez Saussure e a maioria dos linguistas, você consegue entender. Ou, então, começar a falar de variante, de variedade, variação, de dialeto, fazendo todas essas distinções, você consegue colocar tudo encaixotado. Mas, sem encaixotar – porque não me interessam os caixotes nem os caixões –, eu vejo que não pode ser uma coisa só. Se língua carrega cultura e se cultura carrega língua, quer dizer, não há uma sem a outra e eu coloco um hífen aí, um hífen que une e desune – língua(s)-cultura(s). Há alguns aspectos que você vê que são culturais e não necessariamente linguísticos, mas as coisas estão, sempre e ao mesmo tempo, atreladas. Então, se uma carrega a outra, nós temos, no Brasil, culturas diferentes... Eu me peguei uma vez, no nordeste, não sei se já contei isso para vocês, foi logo que eu cheguei, acho que em Maceió. A professora que me convidou me levou para o hotel e, quando eu estava falando com o recepcionista, eu não sei qual foi o assunto ou o que aconteceu que eu falei: mas lá, no meu país... (risos). E como explicar esse ato falho? Eu tive que explicar assim... o horário é outro, porque tinha uma diferença de fuso horário, acho que era de uma hora para mais ou para menos, o ambiente é outro, praia, ruas completamente diferentes das de São Paulo. Um outro país, mas, dizer isso, é complicado. A professora arregalou o olho, mas deu risada, ficou numa boa, mas eu me senti mal. Isso, para mim, depois, veio a ser um exemplo de que, de fato, nós estamos sempre entre línguas e culturas no Brasil, naquela chamada “uma língua”. Quando eu vou para o sul, é impossível não perceber, há diferenças culturais que são diferenças linguísticas também e vocês, que vieram do sul, sabem muito bem disso, melhor do que eu. Não é só sotaque, ou seja, o sotaque não é só uma melodia, o sotaque diz alguma coisa dessa cultura que já é diferenciada, porque há um trânsito de culturas que não são as mesmas no país inteiro. Vocês têm um contato, no Rio Grande do Sul, com argentinos e uruguaios que nós não temos. São coisas que não existem aqui no sudeste. No nordeste, a cultura africana é muito forte, você tem também o índio. E, no Estado de São Paulo, temos todos, né? O africano, o índio, o italiano, japonês, mas o japonês

também penetrou em outros lugares. O alemão está mais no sul do que em São Paulo e no nordeste. É um país muito diferente. Não dá para dizer que tem uma língua, embora se diga: a língua do país é a língua portuguesa. Se um sujeito tem o alemão como primeira língua, se tem o italiano como primeira língua, se tem outras línguas, que ninguém conta como primeira língua, então, não dá para dizer que o país é monolíngue. Aí, surgiu essa ideia de continuar a trabalhar com migrantes dentro do próprio país.

Fragmentum: Ao problematizar a relação entre a língua materna e a língua estrangeira, Derrida (2001, p. 26) lança questionamentos para o caso de haver uma língua dita materna, indagando se esta seria “a do nascimento pelo solo, a do nascimento pelo sangue e, o que é uma coisa completamente diferente, do nascimento pela língua”. Que efeitos essa questão produz para você e para seus estudos?

Coracini: Não dá para a gente definir, assim, para todo e qualquer sujeito, qual é a língua materna, primeiro, e, segundo o que é língua materna. São duas questões e depois eu volto ao que é língua materna. Mas não dá para definir, de uma vez por todas, qual é a língua materna de alguém e qual é a língua estrangeira. É até mais fácil dizer qual é a língua estrangeira, mas, na definição de língua estrangeira e de língua materna há, a meu ver, uma oposição muito radical: uma que é a língua do outro, outra que é a minha língua, a nossa língua, a língua que me constitui, a língua da mãe. A língua do outro, como diz Melman – ele acha, mas eu não concordo – a gente só é capaz de conhecer, mas não de saber, porque saber mesmo é só a língua materna. Eu acho que a gente pode saber, no duplo sentido do termo, como eu já coloquei em algum texto meu. O saber, no sentido de saber mesmo, e no sentido de degustar, de ter esse sabor, de saborear como a gente saboreia a língua chamada materna. Assim como a gente saboreia essa língua, a gente saboreia também a língua do outro, no momento em que entra nessas discursividades outras. Claro que não é simplesmente aprendendo algum vocabulário ou aprendendo alguma gramática que isso vai mudar, vai fazer com que eu penetre em alguma outra discursividade. Para mim, a discursividade não é apenas a língua, são formações discursivas, portanto, é cultura também. Se a gente não fizer distinção, e eu não faço, entre ideologia e cultura – para mim está tudo atrelado –, é possível dizer que cultura ou ideologia constitui um modo de ver o mundo, de recortar o mundo que é diferente de língua para língua, de povo para povo. E como toda língua é híbrida, como a gente estava tentando dizer e eu não disse isso na pergunta anterior, então, nós temos modos de recortar o mundo que vão se imbricando. E, por isso, as diferenças são maiores ainda e, ao mesmo tempo, menores. Então, eu acho muito difícil falar a respeito. É claro que, na vida de cada um, é possível você definir o que

é a língua de sangue, porque é a língua da mãe, do pai, da família; qual é a língua da terra, no meu caso, eu nasci de pais portugueses que moravam em Portugal, na Ilha da Madeira. Depois, nós imigramos para Brasil. Qual é a minha terra? Qual é a minha língua de terra? Não sei. A de lá? A de cá? Eu fiz também uma pesquisa lá em Portugal, com brasileiros que estavam lá, justamente para problematizar mais uma vez essa questão. A língua portuguesa é nomeada a mesma, mas, o que será que existe aí que nos torna tão diferentes? Por que o brasileiro, lá, se sente estrangeiro? Não é só pela acolhida, porque eles acolhem muito bem. A questão é cultural, é língua-cultura. O sotaque, as expressões, as frases, todas elas são carregadas de cultura, do modo de ver o outro, do modo de se ver, de ver o mundo e de se comportar, da política, de tudo isso. E cada língua dessas são várias línguas. Uma língua é completamente heterogênea, constituída de outras línguas-culturas. Então, como é que fica? Se a gente no europeu, no português, que veio para cá, quando ele veio, sua língua já era híbrida. Híbrida, mestiça, termos de que ninguém gosta, mas é isso mesmo. E o bom é ser contaminado, ser híbrido, ser mestiço, mas é preciso admitir isso e não recusar, discriminar. Lembrando do que afirma Kristeva e trazendo para o que estamos dizendo, é só na medida em que aceitarmos essa realidade, de que somos híbridos, mestiços, que conseguiremos compreender sem discriminar os mestiços, os mulatos, os estranhos, os estrangeiros que nos perturbam pelas diferenças com que não conseguimos conviver. Eu acho isso, cada vez mais! Então, acho muito difícil definir para cada um e muito mais difícil ainda definir para todos o que é a língua da terra ou o que é a língua do sangue, o que é a língua materna ou o que é a língua estrangeira. Não era a língua em si, de que Derrida falava, mas era do nascimento pelo solo, do nascimento pelo sangue e do nascimento pela língua, mas qual seria essa língua que nos fez nascer? Eu encontrei nos meus registros pessoas que se acham muito mais inscritas na língua chamada estrangeira, por exemplo, em francês ou inglês, do que na língua portuguesa. É verdade! Por que o tempo inteiro lhes foi inculcido na escola: você não sabe, não sabe escrever, não sabe português; isso se tornou um problema para essas pessoas a tal ponto que só quando elas conseguiram se sobressair, na universidade, por exemplo, graças à língua chamada estrangeira, é que elas puderam se dizer e dizer: eu tenho algum valor, as pessoas me reconhecem! Uma dessas pessoas foi para a França e não queria mais voltar e, quando voltou, não queria mais escrever em português, queria escrever sempre em francês. Esse é um caso, mas há outros casos semelhantes. Então, qual é, o que é, como é que a gente pode eleger uma língua? No fundo, o que eu penso... e foi uma coisa que eu defendi – ainda não está publicado, mas eu defendi no meu concurso para titular – que não há uma distinção entre língua materna e língua estrangeira. No fundo, nós nos constituímos de todas essas línguas-culturas a tal ponto que a gente as mistura, um pouco cada um à sua

maneira. Se a gente pudesse falar de língua materna, seria *lalangue*, esse lugar sem lugar da (con) fusão, ao qual eu não tenho acesso para dizer: agora eu vou falar esta língua e apenas esta. Isso que eu imagino que controlo, mas que, em vários momentos, escorrega, desliza. Quando estou falando francês, desliza o português, deslizam outras línguas que me constituem. Quando estou falando português, desliza o francês, o inglês. E, no meio do deslize entre o português e o francês outras se esgueiram subliminarmente, pois constituem tanto a língua portuguesa, quanto a língua francesa, quanto a língua inglesa, outros falares regionais etc., a que eu estou chamando também de outras línguas, não problematizando e não fazendo distinção, como também não faz Derrida, entre língua, linguagem ou variantes. Eu não sei se respondi...

Fragmentum: E hoje, amanhã...? rumos, perspectivas, projetos... você poderia falar um pouco sobre isso?

Coracini: Rumos... como saber? O que querer quando já se é titular e não mais jovem? Dar prosseguimento às orientações, continuar colaborando para a formação de jovens e futuros profissionais, principalmente, futuros professores, continuar estudando, aprendendo mais, se necessário, buscando outros portos, teórico-analítico-práticos, ou seguir aprofundando os aportes teóricos e metodológicos que já servem de âncora para nossas pesquisas, mas sobretudo não parar, não estancar o movimento, estar disposta a enfrentar novos desafios, enquanto eu puder me movimentar... Pesquisas, sim! Pretendo dar prosseguimento àquelas que se iniciam numa perspectiva de Linguística Aplicada pouco ortodoxa, como a que temos construído, ao longo de ao menos duas décadas, procurando problematizar, questionar o que parece natural, remexendo as águas tranquilas e pacíficas de um lago inerte, sem ar nem brisa, criando rizomas, espalhando ideias, na busca de que algo aconteça, de que algo mude. Com respeito às pesquisas, trata-se, agora, de ir para as ruas, de buscar aqueles que sofrem na pele, no corpo, as consequências de uma discriminação que os marginaliza, ainda que o discurso que circula, nas vias políticas e sociais, seja o da inclusão. Mas que inclusão é essa que traz para a sala de aula os surdos, os cegos, os cadeirantes, para desrespeitá-los em sua singularidade, tentando fazer deles alvo de nossa tolerância, de nossa caridade, numa busca inútil de torná-los semelhantes a nós naquilo que eles têm de mais particular? Que inclusão é essa que não consegue vislumbrar nessas pessoas capacidades que não temos nem podemos ter, prisioneiros de um corpo “normal”, igual ao de outros, “perfeito”? Que inclusão é essa que não enxerga a miséria humana daqueles que vivem na rua, tomando essa situação como uma opção, como vagabundice, como incompetência? Que inclusão é essa que vê o crime apenas como maldade, a droga e o álcool como responsáveis diretos e únicos da criminalidade no país? Que inclusão é essa que anula os chamados

“moradores de rua”, migrantes do nordeste ou do norte, que nomadizam em nossas cidades, nas estradas, nas calçadas? Que inclusão é essa que se faz surda à vida desses marginalizados, (in)fames (tomando o termo de Foucault, sem fama ou com fama graças ao crime), às experiências silenciadas e silenciosas, ao sofrimento passado e presente, ao fracasso – ainda que por vezes sobreviva alguma esperança de que alguém – não eles – assumam sua vida e mudem seu destino? Finalmente, que inclusão é essa que exclui e anula uma ex-scritura no corpo, tornando-se surda aos fios – esgarçados e fracos – de uma escolaridade passada e cega diante dos rastros de vidas como as nossas, porém, marcadas pelo infortúnio, pela pouca chance, pela má sorte de terem embarcado no vício da droga e do álcool? Outro projeto me lança no espaço sempre desconhecido da internet, buscando compreender melhor a subjetivação de internautas que buscam uma inscrição num mundo desprovido de valores, no mundo em que tudo é virtual, ainda que o nosso mundo, que dizemos concreto, atual, também seja virtual. Dentro do projeto interinstitucional, coordenado por mim, *Representações e Tecnologias (de si): tramas do/no virtual*, me ocupo da escrita nessa tela, escrita de si que é também escrita do outro, escritura-inscrição do corpo no corpo da escrita, buscando analisar blogs, Orkut, enfim, formas de comunicação interativa, para melhor vislumbrar as consequências, os efeitos desse veículo da pós-modernidade no corpo, na constituição identitária de usuários. Resta dizer que esses projetos são consequência de um trabalho conjunto e do compromisso com a pesquisa em grupo de colegas interessados e (ex-)doutorandos e mestrandos que, em outras universidades de outros Estados e cidades, continuam perseguindo o que os moveu durante o curso e as pesquisas para titulação: uma participação política e social, respondendo com sua responsabilidade aos problemas sociais de que todos temos, em parte, uma fatia de culpa, como cidadãos e como professores-educadores que somos.

Entrevista realizada dia 22/10/09, em Campinas, SP.

Sobre a entrevistada

Maria José Coracini é bolsista de produtividade em pesquisa - Nível 1A - do CNPq. Fez graduação em Letras (Francês-Português) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É mestre em Letras (Língua Francesa) pela Universidade de São Paulo e doutora em Ciência - Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É Livre Docente e professora titular em Linguística Aplicada na Área de Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira pela Unicamp. Tem pós-doutorado junto ao Centre Inter-universitaire en Analyse du Discours et Sociocritique des Textes (Ciadest) e ao grupo de pesquisa Marges (Marginalisation et Marginalité dans les discours), em Montréal, Canadá. Realizou também um estágio pós-doutoral junto à Université de Paris 3 (Sorbonne Nouvelle), Syllé, e junto à Universidade de Lisboa (Faculdade de Ciências da Psicologia e Educação). A pesquisadora trabalha com questões que dizem respeito ao ensino-aprendizagem, discurso de/sobre novas tecnologias, discurso científico, discurso pedagógico, tradução, identidade, leitura, escrita e subjetividade, sob uma perspectiva teórica que se constitui entre os estudos do discurso, da psicanálise e da desconstrução (Texto adaptado do Currículo Lattes da autora).

Em função de sua significativa trajetória e de sua contribuição para a pesquisa sobre a língua(gem) no cenário brasileiro atual, Maria José Coracini foi professora homenageada na I Jornada de Iniciação Científica em Estudos Linguísticos, organizada pelo Laboratório Corpus, em novembro de 2008.

Dentre sua vasta gama de publicações, as mais recentes são:

CORACINI, M. J. R. F. (Org.); ECKERT-HOFF, B. (Org.). *Escrit(ur)a de si e Alteridade no espaço papel-tela (formação de professores, línguas materna e estrangeira)*. 2009 (no prelo). CORACINI, M. J. R. F. (Org.); MASCIA, M. A. A. (Org.); UYENO, E. Y. (Org.). *Da letra ao píxel, do píxel à letra: uma análise discursiva da linguagem do e sobre o virtual*. 2009 (no prelo).

CORACINI, M. J. R. F. (Org.); GHIRALDELLO, C. M. (Org.). *Imaginário, Memória e Discurso*. 2009 (no prelo). CORACINI, M. J. R. F. *A Celebração do Outro: arquivo, memória e identidade - línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. 1ª. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007. CORACINI, M. J. R. F. *Um Fazer Persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. (Org.); GRIGOLETTO, M. (Org.); MAGALHAES, I. (Org.). *Práticas Identitárias: língua e discurso*. 1ª. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. 1ª. ed. Campinas e Chapecó: Editora da UNICAMP - Editora ARGOS, 2003.